

O RELATIVISMO LINGUÍSTICO NO CONTO "A HISTÓRIA DE SUA VIDA", DE TED CHIANG

Letícia Rodrigues Rojas (UEMS)

leticiarrojas@gmail.com

Nataniel dos Santos Gomes (UEMS)

natanielgomes@uol.com.br

RESUMO

Os estudos conceituais sobre linguagem perpassam diferentes teorias e pesquisadores, sem chegar, no entanto, a um consenso na linguística. Nessa perspectiva, analisaremos algumas características similares acerca do fenômeno da linguagem a partir da análise teórica da obra de Ted Chiang, mais especificamente, o conto "A História da Sua Vida", de forma, a descrever e discutir algumas das principais aproximações que a narrativa traz ao relacionar as teorias de aquisição da linguagem pelo viés do relativismo linguístico e a fala como evolução da língua por meio da interação verbal formuladas por Mikhail Bakhtin. A partir disso, buscam-se aspectos de convergência das concepções linguísticas com bases teóricas em Edward Sapir (1971) e Mikhail Bakhtin (2006), a fim de atestar a influência daquele e a contribuição da teoria de deste para a obra de Ted Chiang.

Palavras-chave: Relativismo linguístico. A história de sua vida. Ted Chiang.

1. *Introdução*

Os estudos relacionados a aquisição da linguagem, sempre compreenderam que há uma intrincada tarefa ao se relatar as características abstratas e complexas sobre as línguas humanas.

Associada a ideia de naturalidade em seu desenvolvimento, o processo de aquisição da linguagem, posta de forma intrínseca ao cotidiano do homem, pouco se detém de análises elaboradas para aqueles que não são estudiosos da área, mas traz discussões sobre assunto quando é veiculada a produções cinematográficas ou literárias, levando o público a ter uma atenção sobre o tema, o que evidencia que algo tão trivial ao homem está para além de discussões restritas ao campo científico.

A ficção se apropria da criatividade para a materialização de ideias de seu autor junto a seu público, podendo assim, aplicar teorias e hipóteses científicas a situações e contextos que fogem ao real. Neste trabalho o processo criativo do autor será ilustrado por meio de um conto, tratando sobre a aquisição de línguas não-humanas para seres humanos, de modo a renovar as hipóteses interacionistas da língua.

Ao que se compreende sobre o processamento da aquisição da linguagem, o conto "A História da Sua Vida", Ted Chiang, retoma discussões sobre a linguagem que contradizem os estudos atuais pautados nas concepções gerativistas.

O conto trata mais especificamente de uma análise ao quadro da evolução das línguas humanas, a partir dos princípios da variedade na língua, tema pertinente a quem busca entender os fenômenos linguísticos e a forma como o cérebro/mente funcionam, ancorando ideias como mesmo a linguagem sendo inata ao homem, sem a moldagem social, tal função ficaria inutilizável, comparando a uma máquina que está em perfeitas condições de uso, mas não pudesse ser usada.

Esse princípio, é o prelúdio de estudos que posteriormente foram denominados de relativismo linguístico; corrente essa que teve como precursores as ideias de Edward Sapir e de seu aluno e seguidor Benjamin Lee Whorf, que nesse trabalho será abordado a partir da hipótese de Sapir-Whorf.

Desta forma, no primeiro momento o trabalho delineará a trajetória teórica da hipótese de Edward Sapir e Benjamin Lee Whorf, como seus estudos demonstraram de forma sistemática as diferenças semânticas nas línguas naturais.

Para os estudiosos da linguagem, algumas categorias são determinantes, pelo fato de não se assemelharem pela influência cultural que sofrem, como: a noção de espaço, tempo e cores, pois a percepção é constituída de modo diferente de uma cultura para outra e a linguagem filtra essas conclusões.

Já no segundo momento serão feitas abordagens científicas sobre os processos da linguagem. Elencando de forma elegível o debate sobre a tese proposta por Edward Sapir, sobre o pensamento moldado a partir da linguagem, que para estudiosos como Noam Chomsky (1971), tal afirmação é infundada, pois são faculdades diversas, sendo a linguagem propriedade da mente, portanto, independe da linguagem.

Outro ponto teórico divergente na hipótese de Edward Sapir está ao afirmar que o meio ambiente físico e social exercem influências nos processamentos da linguagem, que para Noam Chomsky, as relações exteriores existentes são apenas competências linguísticas que priorizam as capacidades biológicas internas já programadas.

No terceiro momento, o desdobramento da hipótese que sustenta a corrente do relativismo linguístico, é ilustrada no conto de ficção, de Ted Chiang, "A História de Sua Vida". O conto se apropria em diversos momentos da hipótese de Edward Sapir e Benjamin Lee Whorf, compreendendo desde a concepção da aquisição a partir palavra até a modulação do cérebro, por meio do convívio, em uma língua alienígena.

Assim, as situações apresentadas no conto levam a compreensão daquilo que o relativismo linguístico apresenta de modo geral, que a língua influencia na maneira como a realidade é absorvida.

Algumas características extremas da tese, chamadas de determinismo linguístico, são apresentadas na forma que somos produtos da língua que falamos, pois não conseguiríamos elaborar conceitos que não estivessem expostos a nossa língua.

A priori o relativismo foi introduzido nas ciências filosóficas e antropológicas, e posteriormente incorporado pelos estudos da linguagem, quando essa teve maior contato com a antropologia. Frequentemente a corrente é citada em manuais introdutórios a linguística, sendo os autores mais citados Edward Sapir e Benjamin Lee Whorf, principais nomes formuladores do relativismo, que passou a ser conhecida como “hipótese Sapir-Whorf”.

Um dos objetivos desse trabalho é explorar o conteúdo literário de estilo ficcional, que se apropria das teorias linguísticas para atestar que em uma circunstância específica, de realidade alternativa, a hipótese de Edward Sapir e Benjamin Lee Whorf seria viável e aplicável.

2. Hipótese de Sapir-Whorf

O delineamento histórico da hipótese de Edward Sapir e Benjamin Lee Whorf é controverso, pois são autores diferentes que não tiveram nenhuma relação profissional e de convivência restrita, veio a definir uma hipótese que carregava alguns princípios teóricos, mas sem qualquer consentimento de ambos. Isadora de Lima Machado (2015) relata que a hipótese surge a partir de 1954, quando em uma conferência proferida por Harry Hoijer (1904-1976), intitulada *Sapir-Whorf Hypothesis*. Outros autores levantaram algumas diferenças epistemológicas existentes entre eles, o que posteriormente seria compreendido como “relativismo linguístico” em Edward Sapir e Benjamin Lee Whorf.

Para Isadora de Lima Machado (2015), Edward Sapir estaria mais ligado a filosofia de *Weltanschauung theorie*³²⁵, herdeira de Gottfried Wilhelm Leibniz, Johann Gottfried von Herder, Giambattista Vico, Friedrich Wilhelm Heinrich Alexander von Humboldt etc.; já Benjamin Lee Whorf direcionava sua análise pelo viés de uma teoria da relatividade na física, de Albert Einstein. O trabalho desenvolvido por Benjamin Lee Whorf obteve apropriação de uma linguística cognitivista com aspectos da biologia, assim as interpretações de suas produções textuais, são explicadas somente por textos autorais e por filiações teóricas subsequentes a hipótese de Edward Sapir e Benjamin Lee Whorf.

Entender a hipótese a partir de uma base analítica aplicada à presente ficção, compreende que é preciso traçar o caminho percorrido pelo os dois pesquisadores e suas contribuições nos estudos linguísticos.

2.1. Edward Sapir

Sobre a trajetória de Edward Sapir no estudo da linguagem e suas contribuições científicas, esta relatada em uma tradução livre do livro *Linguística como Ciência* (1961), feita por Joaquim Matoso Câmara Jr., linguista brasileiro fortemente influenciado pelo trabalho de Edward Sapir, trazendo as seguintes informações biográficas.

Edward Sapir nasceu na Pomerânia, antiga região da Prússia, atualmente território da Alemanha, mas em sua adolescência emigrou para os Estados Unidos, onde obteve seus estudos em 1889, tornando-se bacharel e posteriormente mestre em filologia germânica e doutor em antropologia pela Universidade da Columbia, sob orientação e influência de Franz Boas (1858-1942).

O foco de seu trabalho esteve sempre voltado aos estudos das línguas indígenas dos Estados Unidos e Canadá. Motivado pelo contato com as diversas línguas estrangeiras, oriundas de culturas denominada por ele como “exóticas”, parte de suas pesquisas estavam diretamente ligadas aos estudos das línguas ameríndias, o que veio a formular diversos pensamentos sobre o que é linguagem; fonte de diversos artigos e livros que descreviam e analisam essas línguas. Entretanto, seu desafio estava

³²⁵ Conceito da filosofia alemã que trata da epistemologia a partir de uma percepção de mundo. Entende-se como uma visão global de como o indivíduo ou grupo até mesmo umas culturas regulam e inferem sobre o mundo.

em diferenciar-se da linguística na Europa na época, pois diferente das análises europeias, sua análise era mais “descritiva”, com enfoque antropológico, possível influência vinda de seu parceiro de trabalho e professor Franz Boas, autoridade em estudos antropológicos; juntos trabalhavam a ideia que ao descrever uma cultura, inevitavelmente era descrever sua língua.

Em consonância ao estudo da linguagem pelo viés antropológico, Edward Sapir desempenhou alinhado também aos trabalhos de Leonard Bloomfield, papel fundamental para os estudos linguísticos norte-americanos, de modo expressivo e característico aos estudos norte-americanos, frente a face da ciência da Europa, uma modulação mais estrita a tradição da filologia indo-europeia.

Segundo Joaquim Matoso Câmara Jr. (1961), Edward Sapir e Leonard Bloomfield procuraram fazer incorporações na linguística ao examinar as línguas indígenas da América do Norte, e a partir dessas experiências, o campo da filosofia da linguagem e da metodologia de seus estudos foram ampliados. Suas contribuições para a linguagem se diferenciavam pelas metodologias utilizadas, enquanto Leonard Bloomfield concentrava em fomentar técnicas precisas e eficientes para as apresentações interpretativas de resultados sobre suas pesquisas; Edward Sapir se interessou por problemas de ordem mais filosóficas que envolvem a linguagem, formulando linhas de variados sentidos, de modo singular e estimulante.

O ponto de vista de Leonard Bloomfield sobre os trabalhos de Edward Sapir, introduzido no artigo sobre *A Posição da Linguística como Ciência* (1929), relata que há em Edward Sapir uma sustentabilidade válida ao provar de forma indireta a universalidade das línguas indígenas norte-americanas, consolidada em um olhar diacrônico da “lei fonética”³²⁶, como base que ascendem no passado chegando até a uma classificação genética compreensiva.

Para Joaquim Matoso Câmara Jr. (1961), o artigo escrito por Edward Sapir sobre *A Posição da Linguística como Ciência*, traz um posicionamento contrário sobre neogramáticos alemães (que viam a linguagem apenas por impulsos biológicos e que aceitavam de forma passiva

³²⁶ Esse termo foi estabelecido pela escola neogramática alemã no final do século XIX e depois utilizado intensamente por outras correntes linguísticas como a “geografia linguística” e “idealismo linguístico”.

essa hipótese), “transcendendo de plano naturalístico num duplo sentido. “De um lado, parece-lhe existirem associações implícitas entre sons e os valores gramaticais, portanto, as leis fonéticas se ampliam numa visão geral de “leis linguísticas”, cuja a trama dá configuração à língua e a faz um objeto de ciência”. (CÂMARA,1961, p. 9)

Em outra perspectiva, os sons da fala são interpretados em um modelo estruturalista, determinados em forma de “pontos” de um “padrão fonético”, organizados psicologicamente em paralelo e contraposição, e não somente como fenômenos articulatórios e acústicos.

A investigação sobre a linguagem como ciência feita por Edward Sapir e suas contribuições trouxeram de modo evidente uma revisão geral do conceito neogramático de “evolução fonética, ou termo mais preterido por ele como “deriva fonética”, é detalhado todo seu desenvolvimento em um capítulo de seu livro *Language*.

Segundo Edward Sapir (1921), sua obra fomentaria uma certa perspectiva sobre a linguagem, e não só fatos sobre ela, serviria também para mostrar o que ele entenderia ser linguagem e sua variabilidade no tempo e espaço e quais as relações que se estabelecem com outros interesses humanos fundamentais sobre “o problema do pensamento, a natureza dos processos históricos, raça, cultura e arte.

2.2. Benjamin Lee Whorf

A trajetória de Benjamin Lee Whorf na linguística ocorreu de forma diferente. Partindo de um estudo empírico para a um estudo científico a formal. Isadora de Lima Machado (2015), relata em seu trabalho sobre a biografia Benjamin Lee Whorf.

Benjamin Lee Whorf (1897-1941), nasceu em Massachusetts, nos Estados Unidos da América. Ingressou em um curso de química no MIT e trabalhou como inspetor de incêndio em uma firma de seguros.

Benjamin Lee Whorf matinha dupla jornada, ao trabalhar como inspetor químico e paralelo ao trabalho desenvolvia estudos sobre outras áreas, como estudos da escrita maia.

Desse modo, grande parte de suas investigações teóricas e metodológicas sobre a linguística forem autônomas. Para John Bissel Carroll (1956), seu trabalho não teria amadurecido e formalizado se posteriormente ele não tivesse conhecido Edward Sapir, que na época era um dos

maiores pesquisadores de renome em línguas ameríndias e de certo modo em linguística geral.

O primeiro encontro de Benjamin Lee Whorf com Edward Sapir, ocorreu em setembro de 1928, no Congresso Internacional de Americanistas, e logo depois em 1929 e 1930, no mesmo Congresso. Mas aproximação de Edward Sapir ocorreu de modo definitivo em 1931, quando ele foi para Yale ensinar linguística, assumindo o posto de professor em antropologia.

Benjamin Lee Whorf teve seu reconhecimento após estudos sobre a língua hopi, no ano de 1932, quando conheceu um falante nativo dessa língua que residia em Nova York, e orientado por Edward Sapir, Benjamin Lee Whorf iniciou análises da linguística, o que posteriormente o levou a pesquisar mais profundamente o hopi, em uma comunidade falante no Arizona.

Em seus estudos sobre a língua hopi, alguns dados chamaram sua atenção, como os nativos dessa língua eram capazes de contar e descrever sistematicamente todos fenômenos existentes no universo.

Seu desejo ao popularizar a linguística era alçado por meio de assuntos específicos como o pensamento, pois o tema trazia forte apelação acadêmica para época. O estudo do “pensamento”, destaca-se não pelas análises teóricas e sistemáticas sobre o assunto, mas efetivamente como forma de disseminar aquilo que Benjamin Lee Whorf ansiava, tornar a linguística mais popular.

Certamente, Benjamin Lee Whorf esteve além de seu mestre Edward Sapir ao atestar seus conhecimentos e estudos, buscando estabelecer relações entre linguagem, pensamento e a modularidade que a cultura traz para ambas. Mas isso não foi o bastante para que houvesse uma cristalização de seus estudos, pois mesmo que o relativismo tivesse uma boa aceitação, a partir dos anos 50, suas hipóteses foram fortemente combatidas e desvalorizadas, compreendendo as transformações que os estudos da gramática gerativista trouxeram ao cenário dos estudos da linguagem o que estigmatizou relativismo a um ceticismo e até mesmo a certa rejeição.

2.3. Hipótese de Sapir-Whorf

O que compreendemos como *Hipótese Sapir-Whorf*, emana do “princípio da relatividade linguística de Whorf”, o que compreendemos

ser apenas um papel colaborativo de Edward Sapir ao trabalho principal de Benjamin Lee Whorf, o que estabeleceu uma hierarquia entre os trabalhos.

A princípio está sustentado pela relatividade linguística, exercendo uma reciprocidade, no qual a estrutura de uma língua afeta a visão de mundo ou a cognição de seus falantes. A ideia se popularizou e ficou conhecida como hipótese de Edward Sapir e Benjamin Lee Whorf ou whorfianismo.

A doutrina radical da relatividade linguística está alçada em sua historicidade como forma de reação distintiva em relação a linguagens não escritas, que promoveu uma visão evolutiva predominante na antropologia no século XIX.

De certo modo, essa doutrina trouxe de forma até excessiva uma inexistência válida sobre os sistemas linguísticos, o que levou a subestimar suas características estruturais comuns, no entanto, forneceu uma correção necessária ao evolucionismo etnocêntrico que o substituiu.

Edward Sapir expressa, em termos não menos lúcidos, pela ordem de um discurso poético, desdobrado a partir de um estilo empirista característico dos estudos boasianos, em completude formal e na adequação intelectual das linguagens não escritas.

Já Benjamin Lee Whorf dá um passo mais promissor, antecipado pelas escritas de Edward Sapir (por exemplo, em "O mundo real é em grande parte, construção inconsciente da linguagem, a partir de seus hábitos do grupo" (SAPIR, 1951, p. 160), alegando que um sistema intelectual personificado em cada linguagem a moldagem do pensamento de seus falantes de forma bastante geral.

As categorias e tipos que podemos isolar do mundo dos fenômenos, não encontramos lá. Porque elas encararam cada observador. Pelo contrário, o mundo é apresentado em um fluxo caleidoscópico de impressões que têm de ser organizado em nossas mentes. Isto significa, em grande parte, pelo sistema linguístico em nossas mentes. (WHORF, 1956, p. 212)

Nos últimos quarenta anos, muitas foram as tentativas para reformular as ideias fundamentais de Edward Sapir e Benjamin Lee Whorf, expressas em formas de evocações e passagens metafóricas semelhantes a citação acima, em uma linguagem prosaica o que submete a doutrina ser submetida a testes empíricos.

Na percepção de autores como Roger William Brown³²⁷, que já re-senhava sobre Edward Sapir e Benjamin Lee Whorf em 1953, “tudo isso era necessário” (BROWN, 1976, p. 128). No resumo, segundo Roger William Brown, Benjamin Lee Whorf pareceu apresentar duas hipóteses:

Hipótese 1: As diferenças na estrutura entre sistemas de linguagem, de modo geral, está paralelo as diferenças cognitivas não linguísticas, de um tipo não específico, em falantes nativos de duas línguas.

Hipótese 2: A estrutura do idioma nativo de qualquer pessoa, influencia em sua completude fortemente ou determina sua visão mundial à medida que ele aprenda a linguagem. (BROWN, 1976, p. 12)

Os interpretes de Benjamin Lee Whorf disseminaram junto a sua doutrina, de forma implícita, tais premissas: se há diferenças na visão de mundo mencionadas na hipótese 2 e na formulação cognitiva não linguísticas em 1, o que a primeira hipótese traz exerce consequência sobre segunda, devendo ser levadas em conta.

Para Benjamin Lee Whorf o que compreende ser diferenças minúsculas na linguagem, são observações maçantes. Mas por outro lado, se tais diferenças na variável dependente (cognição não linguística), são grandes, então provavelmente as diferenças na variável independente (idioma), consequentemente serão grandes também. (A última proposição não é uma consequência lógica, mas parece ser um pedaço tácito, plausível raciocínio que de fato ocorreu historicamente). Dessa forma, as hipóteses 1 e 2 parecem induzir a postulações tácitas por parte dos seguidores de Benjamin Lee Whorf.

E na hipótese 3, compreendem-se que os sistemas semânticos de diferentes idiomas variam sem restrições.

A hipótese se distinguiu em versão fraca e versão forte, possível invenção posterior aos seus trabalhos, pois Edward Sapir e Benjamin Lee Whorf nunca estabeleceram essa dicotomia, embora tenham escrito suas opiniões sobre o princípio da relatividade sejam formuladas em termos mais fortes ou mais fracos.

O princípio da relatividade linguística de Benjamin Lee Whorf foi reformulado como uma hipótese testável por Roger Brown e Eric Lenneberg, após realizarem experimentos projetados para descobrir se a percepção de cores varia entre falantes de diferentes linguagens e a forma

³²⁷ Roger William Brown (1925-1997) foi um psicólogo social que foi pioneiro no estudo da psicolinguística, em particular a aquisição de linguagem em crianças.

como classificaram as cores. Alguns desses efeitos da relatividade linguística foram mostrados em vários domínios semânticos, embora geralmente sejam fracos. Atualmente, uma visão equilibrada da relatividade linguística é adotada pela maioria dos linguistas que sustentam que a linguagem influencia certos tipos de processos cognitivos de maneiras não triviais, mas que outros processos são melhor vistos como decorrentes de fatores conexionistas. A pesquisa está focada em explorar os caminhos e a extensão em que a linguagem influencia o pensamento.

3. O relativismo linguístico e suas oposições

A proposta que a corrente do relativismo linguístico pode ser entendida como que a língua que falamos influencia de alguma maneira na nossa construção de pensamento sobre a realidade.

O relativismo linguístico propõe uma ideia que se apresenta de muitas formas ao longo da história do pensamento sobre linguagem, de forma que muitos posicionamentos relativistas sobre a linguagem em nosso trabalho não serão explícitas.

A hipótese de Edward Sapir e Benjamin Lee Whorf que será posteriormente apresentada na análise do conto, apresenta como formulação o modo geral do relativismo, seguindo as seguintes preposições:

- Temos como variável independente na relação a *língua*;
- Já como variáveis dependentes são *as experiências, crenças, percepção e visão de mundo e os conceitos*.

Então, o princípio que o relativismo linguístico em síntese, defende a posição de conforme as percepções, crenças, os conceitos, relação estabelecida socialmente com o mundo exercem variações na língua conforme as diferentes línguas.

Para Rodrigo Tadeu Gonçalves e Alessandro Beccari (2008), esse princípio não está somente pelo que as próprias línguas fazem, mas porque seguindo as explicações relativistas, de modo geral, a realidade não é nos concedida objetivamente: “ela, antes, passa pelo filtro de nossa percepção, e, então, pode ser categorizada e construída pela nossa linguagem”. Para os relativistas, não há uma visão neutra da realidade, supõem-se que línguas muito diferentes podem ser veículos que levam a categorização de realidades muito complexas.

De fato, no entanto, que o que propõem sobre a linguagem na concepção relativista são propostas diversificadas e uma hipótese muito impactante, ainda que exposta acima de modo genérico, faz necessário uma evidencia empírica solida que a sustente.

Em tese, Rodrigo Tadeu Gonçalves e Alessandro Beccari (2008) já haviam observado que a partir de (a) e (b), John J. Gumperz e Stephen C. Levinson chegam à seguinte formulação da hipótese do relativismo linguístico:

- (I) existem diferenças nas categorizações linguísticas nas línguas e
- (II) as categorizações linguísticas determinam aspectos do pensamento dos indivíduos;

Então:

- (III) aspectos do pensamento dos indivíduos diferem nas diferentes comunidades linguísticas de acordo com a língua que elas falam

Um estudioso cognitivista que debate incisivamente o relativismo linguístico é o psicólogo e linguista Steven Pinker, o que ele debate é que os estudos relativistas não formulam uma tese clara e precisa de suas hipóteses, ancorada em argumentos razoáveis e metodologia empirista experimental. Podemos compreender melhor sua argumentação nessa citação.

Mas uma coisa engraçada aconteceu com a linguagem na vida intelectual. Em vez de ser apreciada por sua capacidade de comunicar o pensamento, foi condenada por seu poder de restringir o pensamento. Citações célebres de dois filósofos refletem essa preocupação. "Temos de deixar de pensar se nos recusarmos a fazê-lo na prisão da língua", escreveu Friedrich Nietzsche. "Os limites de minha língua significam os limites de meu mundo", são palavras de Ludwig Wittgenstein.

Como a língua poderia exercer essa força repressora? Exerceria, sim, se as palavras e frases fossem o próprio meio do pensamento, uma ideia que decorre naturalmente da tábua rasa. Se não há nada no intelecto que não estivesse primeiro nos sentidos, então as palavras captadas pelos ouvidos são a fonte óbvia de qualquer pensamento abstrato que não pode ser reduzido a visões, odores ou outros sons. Watson tentou explicar o pensamento como movimentos microscópicos da boca e da garganta; Skinner teve esperança de que seu livro *Verbal Behavior* [O comportamento verbal], que explica a linguagem como um repertório de respostas recompensadas, diminuísse a distância entre pombos e pessoas. (PINKER, 2004, p. 287)

Outra tese fortemente aceita, principalmente pelos trabalhos iniciados na década de 50, foi de Noam Chomsky com o universalismo. Tese esta que Steven Pinker se apropria em parte, o que justifica a citação acima.

Em Rodrigo Tadeu Gonçalves e Alessandro Beccari (2008), cita que a partir dos trabalhos de Noam Chomsky, compreendeu-se que “a pesquisa empírica intensa das ciências cognitivas dá mais suporte às teses chomskianas de aquisição de linguagem e do funcionamento da linguagem na mente humana: basicamente, para Noam Chomsky, a língua final de um indivíduo é o resultado do contato de seu órgão mental da linguagem, a gramática universal (geneticamente transmitida e específica da espécie humana), com a língua específica falada pela comunidade na qual o indivíduo se insere”.

Em diversas obras de chomskianas (1959, 1965, 1971, 1986, 2005 e 2006), é relatado o estímulo que o meio oferece ao indivíduo é escasso, instável e sozinho não exerce competência linguística.

As hipóteses relativistas excluem automaticamente qualquer princípio universalista. As versões mais fortes do relativismo linguístico, não podem se deter a um posicionamento de desenvolvimento da língua inerente a genética humana, comum a todos os homens de modo orgânico.

O que prevê o universalismo chomskiano e cognitivista que a casualidade na língua não é alicerce da aquisição, postura totalmente diferente prevista no relativismo linguístico.

Para essas duas teorias, não é a língua que determinará o pensamento, mas o pensamento (a mente para Noam Chomsky), que irá determinar as possíveis línguas.

Os universalistas defendem também que a linguagem do pensamento é universal, e que grande parte dos processos cognitivos, independem da linguagem verbal.

4. Aplicação da hipótese de Sapir-Whorf ao conto

O conto que será base de análise deste trabalho, de nome "A História da Sua Vida", escrito por Ted Chiang, americano, redator técnico de informática matemática, faz parte de uma coletânea de contos que estão no livro que leva o mesmo título do conto *A História da Sua Vida e Outros Contos*. Distribuído pela editora Intrínseca, no ano de 2016, o conto possui 68 páginas que foi muito bem recebido pelo público leitor de fic-

ção, e pela crítica, após ganhar oito prêmios, dentre eles *Nebula*, *Hugo*, *Locus*, *Sturgeon*, *Sidewise* e *Seiun*.

Em "A História da Sua Vida", surge a partir de um contexto de contatos de quarto grau, com comunidades linguísticas muito diferentes, no qual o homem e os seres de outro planeta conseguiram estabelecer o que é trivial para convivência em comunidade: a comunicação, e partir dela rever suas crenças e modificar sua visão de mundo.

Um dos pontos relevantes da história é o fato de como ocorre a comunicação entre as espécies de diferentes estruturas linguísticas. Ponto de partida da investigação não está restrita apenas a uma análise do conteúdo conversacional de ambos os mundos, mas objetiva elencar a forma como ocorre a aquisição de uma linguagem não-humana, por um ser humano, principalmente pelo fato das estruturas sintáticas e semânticas dessa língua não obedecer a tese da gramática universal já proposta por Noam Chomsky.

Partindo da ideia da aquisição por meio da hipótese de Edward Sapir e Benjamin Lee Whorf, e pontualmente por teses do relativismo linguístico, a análise será de cunho descritivo, usando como base a própria narração da história em consonância a hipótese linguística como base teórica.

5. *Análise de dados*

No conto pode-se observar o modo como humanos adquirem uma linguagem não humana, e todo o processo aquisitivo que se constrói desde a aprendizagem da palavra até aquisição de sentenças frasais.

A aplicabilidade da hipótese de Edward Sapir e Benjamin Lee Whorf e surge a partir da convivência da doutora Louise Banks (Amy Adams) com a língua dos heptápodes e suas crescente habilidade de conversação em língua heptápode, o que propicia a ela aptidão em fazer leituras em uma língua semasiográfica, que em consequência com o tempo sua escrita se tornava mais coesa. As suas frases ficavam cada vez melhores e quando ela não as planejava naturalmente as sentenças vinham ao pensamento.

Em vez de tentar projetar com muito cuidado uma frase antes de escrevê-la, eu podia simplesmente começar a fazer traços imediatamente; meus traços iniciais quase sempre se revelavam compatíveis com o que eu estava tentando

dizer. Comecei a desenvolver uma aptidão como a dos heptápodes. (CHIANG, 2016, p. 170)

De modo, quando a doutora Louise Banks (Amy Adams) afirma “Mais interessante era o fato de o heptápode B estar mudando meu modo de pensar” (CHIANG, 2016, p. 170). Há a existência de uma ideologia que as teorias relativistas já afirmavam acontecer.

Edward Sapir (1954) definia a modularidade em dois eixos distintos, um quanto à “influência recíproca existente entre linguagem e pensamento que estão independentes, de alguma forma, do eixo linguagem-cultura.

Quando a doutora Louise Banks (Amy Adams) faz a seguinte comparação que heptápodes “eram pensamentos fonologicamente codificados” e isso a fez lembrar de quando ela estava aprendendo russo, ao final do curso, já estava pensando e até sonhando no idioma. “Mas era sempre russo falado. Com uma língua diferente, o modo era o mesmo: uma voz falando silenciosamente em alto e bom som”. (CHIANG, 2016, p. 170)

Edward Sapir também destaca, que a língua, como meio, molda a forma como pensamos na medida que varia livremente.

Para a doutora Louise Banks (Amy Adams), era intrigante a ideia de pensar em um modo linguístico que não fosse fonológico, exemplo de crianças que possuem pais surdos-mudos e estão em constante contato com os dois tipos de linguagem, para ela pensar heptápodes era semelhante, pois seus pensamentos começavam a se codificar de forma gráfica, e não por uma voz interna.

Paulatinamente, ela começa a ter “insights” de consciência heptápodes, quando diz que “à medida que fiquei mais fluente, os desenhos semagráficos apareciam completamente formados, articulando ideias complexas, todas ao mesmo tempo.

A linguagem não está inscrita somente pelo cérebro, como mostra parte desse relato: “Os semagramas pareciam ser algo mais que linguagem; eram quase como “mandalas. Eu me vi em um estado meditativo, contemplando a forma como premissas e conclusões eram intercambiáveis”. (CHIANG, 2016, p. 171)

Assim, essa ideia emerge da teoria holística de linguagem que Edward Sapir salientou como “sistema funcional completo que pertence à constituição psíquica ou ‘espiritual’ do homem”. (SAPIR, 1954, p. 24)

A partir do momento em que ela toma a consciência que as representações dos semagramas não haviam um “fluxo do pensamento”³²⁸, todos os componentes em um ato de raciocínio eram igualmente poderosos, todos com precedência idêntica.

A partir das teorias da relatividade de tempo na física, a doutora Louise Banks (Amy Adams) começa a levantar a hipótese que o pensamento heptápode pode ter capacidade de ver o futuro, não como forma intuitiva de previsão, mas vivencia-lo, remetendo a uma premissa que se uma pessoa soubesse de futuro como em um livro das *Eras*³²⁹, ela receberia informações de um futuro possível e não de um futuro provável.

A existência do livre-arbítrio vai resultar em nossa incapacidade de ver o futuro. E sabíamos da existência do livre-arbítrio porque tínhamos experiência direta com ele. A vontade era parte intrínseca da consciência. Era mesmo? E se a experiência de conhecer o futuro mudasse uma pessoa? (CHIANG, 2016, p. 176)

Steven Pinker (2002), demonstra apoiar de certo modo, em uma medida menos radical contra o relativismo linguístico, a ideia que a língua que falamos influencia de alguma forma a “natureza humana”. Como em seu prefácio do livro *Linguagem Enquanto Janela Para a Natureza Humana*.

Há uma teoria de tempo e espaço subjacente ao modo como usamos as palavras. Há uma teoria da matéria e uma teoria da causalidade, também. Nossa língua tem um modelo de sexo dentro dela (aliás, dois modelos), e uma concepção de intimidade e poder e justiça. Divindade, degradação e perigo estão profundamente imersos em nossa língua materna, juntamente com uma concepção de bem-estar e uma filosofia do livre-arbítrio. Essas concepções variam nos seus detalhes de língua para língua, mas sua lógica geral é a mesma. Elas se somam tornando-se um modelo de realidade distintivamente humano, que difere de modos importantes da compreensão objetiva da realidade suplementada pelas nossas melhores ciência e lógica. Embora essas ideias estejam interconectadas à língua, suas raízes são mais profundas que a língua em si. Elas estabelecem as regras fundamentais para o modo como entendemos nosso entorno, como atribuímos crédito ou culpamos os nossos semelhantes, e como negociamos nossos relacionamentos com eles. Um olhar próximo para a nossa língua – nossas conversas, nossas piadas, nossos xingamentos, nossas disputas legais, e os nomes que damos aos nossos filhos – pode, por conseguinte nos dar um *insight* sobre quem nós somos. (PINKER, 2007, p. 1)

³²⁸ Aqui o termo é utilizado como a capacidade para discernir a verdadeira natureza de uma situação.

³²⁹ Uma cronologia que registra todos os eventos, do passado e do futuro.

Isso nos mostra pela narrativa do conto a progressão da personalidade ao adquirir não só a base linguística heptápodes, mas ter sua consciência e percepções de mundo modificados pela imersão a língua heptápode. Na sequência da citação é destacável que a partir de aquisição da habilidade do pensar em heptápode, o reconhecimento linguístico se consolidou de forma natural.

Recostei-me e examinei a frase gigante em heptápode B que eu escrevera e que cobria todo o quadro-negro de minha sala. Ela incluía várias orações complexas, e eu tinha conseguido integrar todas de forma satisfatória. Para eles, a fala era um gargalo porque exigia que uma palavra se seguisse à outra em sequência. Com a escrita, por outro lado, cada marca na página era visível simultaneamente. Por que restringir a escrita com uma camisa de força glotográfica, exigindo que fosse apenas sequencial como a fala? A escrita semasiográfica tirava naturalmente vantagem da bidimensionalidade da página, em vez de uma distribuição reduzida de morfemas, um de cada vez, ela oferecia uma página inteira repleta deles de uma vez só. (PINKER, 2007, p. 180)

Para Dan Isaac Slobin, os falantes de línguas diferentes com relação a domínios semânticos específicos demonstrando diferentes constituição da atenção e memória (SLOBIN, 2003, p. 159), o que podemos comprovar,

Depois que aprendi heptápode B, novas memórias se encaixaram como blocos gigantes, cada um medindo anos de duração, e embora não tenham chegado na ordem nem aterrissado contiguamente, logo formaram um período de cinco décadas.

O conto termina em uma reflexão, que evidencia que o maior legado que uma inteligência superior poderia deixar a nossa, seria a consciência sobre sua própria história e tempo, que de fato influenciaram na chamada e fase madura do pensamento de Benjamin Lee Whorf, que entende que os átomos constituem o mundo e que eles caem de forma indeterminada e se unem ao acaso, o que consequentemente desencadeiam em construções maiores, esse pensamento de Benjamin Lee Whorf contribuiu muito para construção da hipótese de Edward Sapir e Benjamin Lee Whorf.

Às vezes se diz que o espaço, tempo e matéria newtonianos são percebidos por todos intuitivamente, em consequência de que a relatividade é citada como algo que mostra como análise matemática pode provar que a intuição está errada. Esse... colocar a culpa na intuição pela nossa lentidão em descobrir os mistérios do Cosmo, tais quais a relatividade, é errado. A resposta é: o espaço, tempo e matéria newtonianos não são intuições. Eles são recebidos da cultura e da linguagem. É de lá que Newton os pegou. (WHORF, 1956, p. 152-153)

E, finalmente, pode-se inferir que o texto utiliza das interações sociais como auxílio na compreensão da linguagem como fenômeno maior, projetando a hipótese para além daquilo que o próprio estruturalismo e inatismo regia; que o homem é produto de seu meio e este determina e molda suas obtenções cognitivas, sendo a linguagem nada mais que consequência de estímulos e contextos vivenciados.

6. *Considerações finais*

Em *A História de Sua Vida e Outros Contos*, de Ted Chiang, demonstra que aquisição de uma língua não-humana, não seria aplicável se não fosse pelo contexto que a narrativa se insere.

Como a literatura se empresta da arte de imaginar, supor e transformar contextos não convencionais em conteúdo para aplicações de bases teóricas, percebemos que aquilo que durante foi renegado pelas transformações dos estudos linguísticos, obteve espaço para desenvolver e narrar uma ficção envolvente e com metodologias científicas totalmente afirmativas.

As bases teóricas que a ficção se apropria a partir dos estudos relativistas e do determinismo linguísticos, são explanados na primeira parte, pois se faz necessário compreender o contexto histórico das produções de Edward Sapir e Benjamin Lee Whorf, e entender que uma hipótese pode surgir mesmo que não seja consentida pelos autores das correntes científicas a que elas se espelham, pelo simples compartilhamento de provar suas crenças e suas investigações empíricas.

Constatamos que os determinismos não têm bases empíricas fortes, e muito que até hoje se escreveu sobre a teoria mais forte do relativismo linguístico, não podendo ser classificado como comprovações científicas, pois não sustentam muitas teses que foram levantadas.

O segundo momento deteve-se a analisar as correntes contrárias ao relativismo linguístico, em especial aquelas opostas a hipótese de Edward Sapir e Benjamin Lee Whorf. Após o crescente estudo do universalismo e cognitivismo, tal hipótese passam a ser rechaçadas e reduzidas a “ balelas convencionais”, pois há um apelo popular em algumas afirmações. O que demonstra que mesmo após uma corrente científica ser debatida fortemente, a produção literária usa de modo apocalíptico os fracassos científicos para desenvolver e testar em ambientes não convencionais, aquilo que a realidade não permite.

O autor do conto, Ted Chiang, mostra de modo microscópico, que uma teoria como a hipótese de Edward Sapir e Benjamin Lee Whorf não é bem-sucedida, porque necessita na verdade de um contexto conveniente para que ela ocorra, em outras formas, não seria possível ela se desenvolver.

Desse modo, conto traz a compreensão que desenvolvimento da cognição do ser humano seria reflexo da sociedade em que ele está inserido, suas motivações e seus acesso a outro mundo, os deixariam em vantagem ou desvantagem em relação a outras culturas, se este tiver mais oportunidade que outros.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CHIANG, Ted. *História da sua vida e outros contos*. Trad.: Edmundo Barreiros. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2016.

CHOMSKY, Noam. Remarks on nominalization. In: JACOBS, Roderick; ROSENBAUM, Peter. (Eds.). *Readings in English transformational grammar*. Waltham, Massachusetts: Ginn, 1971.

GONÇALVES, Rodrigo Tadeu; BECCARI, Alessandro. Retórica e ciência: o caso da linguística crítica. *Revista Letras*, n. 72, p. 97-113, 2008. Disponível em: <<http://revistas.ufpr.br/letras/article/view/7300/10503>>.

GUMPERZ, John J.; LEVINSON, Stephen C. (Eds.). *Rethinking Linguistic Relativity: Studies in the Social and Cultural Foundations of Language*. Cambridge & New York: Cambridge University Press, 1996.

MACHADO, Isadora de Lima. A reinvenção da “hipótese Sapir-Whorf”. *Revista Línguas e Instrumentos Linguísticos*, n. 35, p. 29-52, jan./jun. 2015. Disponível em: <<http://docplayer.com.br/26231611-A-reinvencao-da-hipotese-sapir-whorf-1.html>>.

PINKER, Steven. *Tabula rasa. A negação contemporânea da natureza humana*. Trad.: Laura Teixeira Motta. São Paulo: Cia. das Letras, 2004.

SAPIR, Edward. *A linguagem: introdução ao estudo da fala*. 2. ed. Trad.: Joaquim Matoso Câmara Jr. São Paulo: Perspectiva, 1980.

_____. *Linguística como ciência: ensaios*. 2. ed. Trad.: Joaquim Matoso Câmara Jr. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1969.

SLOBIN, Dan Isaac. Language and Thought Online: Cognitive Consequences of Linguistic Relativity. In: GENTNER, Dedre; GOLDIN-MEADOW, Susan. (Eds.). *Language in Mind*. Advances in the Study of Language and Thought. Cambridge: The MIT Press, 2003.

WARDHAUGH, Ronald, BROWN, H. Douglas. (Orgs.) *A survey of Applied Linguistics*. Ann Arbor: The University of Michigan Press, 1972.

WHORF, Benjamin Lee. Grammatical categories. In: CARROLL, John Bissel. *Language, Thought, and Reality. Selected Writings of Benjamin Lee Whorf*. Cambridge: The MIT Press, 1956.